

CONCORDÂNCIA NEGATIVA ATRAVÉS DE FRONTEIRAS FRÁSICAS*

1. Concordância negativa

O tipo de construção que tem sido designado por **concordância negativa** está ilustrado, para o português, na maioria das estruturas gramaticais que se seguem, servindo as excepções - (1), (4), (11) e (13) - para melhor se definirem os enquadramentos sintácticos relevantes.

- | | |
|--|---|
| (1) <i>Ninguém veio</i> | (1a) * <i>Ninguém não veio.</i> |
| (2) * <i>Veio ninguém.</i> | (2a) <i>Não veio ninguém.</i> |
| (3) * <i>Eu disse nada</i> | (3a) <i>Eu não disse nada.</i> |
| (4) <i>Eu nada disse</i> | (4a) * <i>Eu nada não disse.</i> |
| (5) * <i>Eu disse isso a ninguém.</i> | (5a) <i>Eu não disse isso a ninguém.</i> |
| (6) * <i>Eu disse nada a ninguém</i> | (6a) <i>Eu não disse nada a ninguém.</i> |
| (7) * <i>Ninguém disse nada.</i> | (7a) * <i>Ninguém não disse nada.</i> |
| (8) <i>Ninguém disse isso a ninguém.</i> | (8a) * <i>Ninguém não disse isso a ninguém</i> |
| (9) <i>Ninguém disse nada a ninguém.</i> | (9a) * <i>Ninguém não disse nada a ninguém.</i> |
| (10) * <i>Estive doente nunca.</i> | (10a) <i>Não estive doente nunca.</i> |
| (11) <i>Nunca estive doente.</i> | (11a) * <i>Nunca não estive doente</i> |
| (12) <i>Nunca veio ninguém.</i> | (12a) * <i>Nunca não veio ninguém.</i> |
| (13) <i>Eu nunca disse isso.</i> | (13a) * <i>Eu nunca não disse isso.</i> |
| (14) <i>Eu nunca disse nada.</i> | (14a) * <i>Eu não nunca não disse isso.</i> |
| (15) <i>Eu nunca disse isso a ninguém.</i> | (15a) * <i>Eu nunca não disse isso a ninguém.</i> |
| (16) <i>Eu nunca disse nada a ninguém.</i> | (16a) * <i>Eu nunca não disse nada a ninguém.</i> |

* Uma versão anterior do presente texto, em inglês, foi apresentada no PIONIER Colloquium on Negation and Polarity, que decorreu na Universidade de Groningen, Holanda, em 21 e 22 de Junho de 1994. Agradeço as reacções de David Dowty, Laurence Horn, William Ladusaw e Frans Zwarts. Naturalmente, os erros subsistentes são da minha exclusiva responsabilidade.

O que neste conjunto de frases importa observar é a relação que existe entre a sua gramaticalidade ou agramaticalidade e um conjunto de expressões: por um lado o operador de negação frásica (no caso, *não*) e, por outro, as expressões que aparecem em itálico e que, adaptando terminologia de Laka (1990), designarei por **expressões-*n***¹. Como se pode ver, as diferenças relevantes entre as frases têm a ver com quatro factores relacionados com esse conjunto de expressões: (i) a função sintáctica das expressões-*n* (sujeito, complemento directo, complemento indirecto ou adjunto (dito) adverbial); (ii) a sua posição pré-verbal ou pós-verbal; (iii) a presença ou ausência do operador de negação frásica, e (iv) a coocorrência de duas ou mais expressões-*n* numa frase. Do conjunto de dados de que aqui se dá uma mera ilustração, parece correcto inferir-se que as expressões-*n* são legitimadas se se verificar uma das três condições seguintes: (i) ocorrerem em posição pré-verbal na ausência de operador de negação frásica (como em (1), (4), (11) e (13) e ainda, no que respeita à primeira expressão-*n*, em (7) a (9), em (12) e em (14) a (16)); (ii) terem à sua esquerda (e na situação configuracional adequada) uma partícula de negação frásica (como em (2a), (3a), (5a), (6a) e (10a)); (iii) terem à sua esquerda (em situação configuracional adequada, nomeadamente em posição pós-verbal e na ausência de operador de negação frásica) uma outra expressão-*n* (como, de novo, em (7) a (9), em (12) e em (14) a (16)). Quando se verifica uma das duas últimas condições, pode-se dizer, tendo em conta o tipo de estruturas exemplificado, que estamos perante construções de concordância negativa.

Várias hipóteses têm surgido, sobretudo no campo da sintaxe, acerca destas construções. Simplificando, direi que essas hipóteses se dividem em pelo menos três tipos. (i) hipóteses em que as expressões-*n* são à partida quantificadores existenciais, como em Rizzi (1982), Laka (*op. cit.*) e Ladusaw (1992), sofrendo no primeiro destes autores ou um processo meramente morfológico de incorporação da

¹ Esta designação abrangerá também os sintagmas que partilham com estas expressões as propriedades semânticas de quantificação e polaridade que aqui nos interessam, como, por exemplo, *nenhum livro*, *em nenhum momento* ou *em sítio nenhum*.

negação (em princípio, quando em posição pós-verbal) ou também um processo semântico que as torna "negative existentials" (em princípio, em posição pós-verbal); (ii) hipóteses em que as expressões-*n* são à partida quantificadores universais negativos com um componente quantificacional e um componente negativo, o segundo dos quais é extraído num processo comparável à colocação de um factor em evidência, como em Zanuttini (1991); e (iii) hipóteses em que as expressões-*n* são tratadas como ambíguas entre as interpretações existencial e universal, como em Longobardi (1987), van der Wouden e Zwarts (1993) e Dowty (1994).

Não discutirei aqui estas diferentes hipóteses, apenas me interessando salientar que, em todas elas, uma expressão-*n* ocorrente em determinados contextos - representados nas frases gramaticais dadas acima em que a expressão se encontra em posição pós-verbal - só pode ser interpretada como um quantificador existencial. Excepção a esta regra geral seriam aqueles casos, admitidos em algumas das referidas hipóteses, em que o operador de negação frásica seria um elemento semanticamente nulo.

A propósito do carácter existencial da interpretação das expressões-*n*, é interessante recordar que, em português, essas expressões - em particular quando em posição pós-verbal, que é a que aqui mais nos interessa - estão em variação livre com expressões com o mesmo valor e de composição tipicamente existencial:

- (17) a. O Paulo *não* disse *coisa alguma*.
 b. *O Paulo disse *coisa alguma*.
- (18) a. O Paulo *não* disse *coisa alguma a pessoa alguma*.
 b. *O Paulo disse *coisa alguma a pessoa alguma*.
- (19) a. *Ninguém* disse *coisa alguma*.
 b. **Ninguém não* disse *coisa alguma*.

2. Variantes de línguas com concordância negativa

Apesar de normalmente se falar de concordância negativa sobretudo em relação às línguas românicas e aos dialectos do inglês estudados por Labov (1972), a verdade é que o fenómeno é muito mais geral, encontrando-se não só em outros dialectos do inglês mas também em dialectos de outras línguas, de que são exemplo o bávaro e o flamengo ocidental. Cingindo-nos, como tem sido tradicional, às línguas mais comumente referidas na literatura, vejamos o seguinte quadro, adaptado de Dowty (1994), de variantes de concordância negativa, com exemplos de cada uma delas :

(20)	NC-A ₁	NC-A ₂	NC-B	NC-C
a. No dogs chased Felix. Nenhum cão perseguiu o Felix.	1	1	1	*
b. No dogs didn't chase Felix. Nenhum cão não perseguiu o Felix.	*	2	1	*
c. No dogs didn't chase no cats. Nenhum cão não perseguiu nenhum gato	*	2	1	*
d. No dogs chased no cats. Nenhum cão perseguiu nenhum gato.	1	1	1	*
e. Fido didn't chase no cats. O Fido não perseguiu nenhum gato.	1	1	1	1
f. Fido chased no cats. O Fido perseguiu nenhum gato.	*	*	*	*

(NB: 1 = leitura de concordância negativa, 2 = leitura de dupla negação lógica)

NC-A₁: espanhol, italiano-padrão, português, inglês "non-standard"-NC-A₁

NC-A₂: hipotético, possivelmente sem realização

NC-B: catalão, francês (?), inglês "non-standard"-NC-B

NC-C: inglês "non-standard"-NC-C

Neste contexto, vem a propósito formular a seguinte pergunta: estará o português de Moçambique a evoluir para uma língua NC-B, como, aliás, já foi o português europeu arcaico? Vejam-se os dados seguintes o primeiro de português arcaico, dado por Dias (1917/1970) e os restantes extraídos de um autor moçambicano contemporâneo.

- (21) nenhuũ nom produziria nem obraria de sy perfeitamente.
(*Corte Imperial*, anónimo, p. 100)
- (22) *Quem abriu este armário?* Ninguém, ninguém não tinha sido.
(Mia Couto, *Cada Homem é uma Raça*, Caminho, Lisboa, 1990, p. 64)
- (23) Não havia história em casa dos russos. Nada não acontecia. (*ib.*, p. 79)

3. Fenómenos aparentados

Até este momento, apenas referi dados de concordância negativa, isto é, que envolvem a presença de um operador negativo como aparente legitimador da interpretação existencial de um expressão-*ni*. Importa, no entanto, salientar que o mesmo tipo de interpretação pode surgir em contextos com outras características. Os grupos de frases que se seguem, ilustram alguns desses contextos em diferentes línguas românicas.

Contextos interrogativos

Note-se que o português só muito dificilmente aceita em contextos interrogativos sem operador negativo de legitimação a interpretação existencial das expressões-*n*. No entanto, como parecem sugerir as duas últimas frases deste grupo, não se verifica uma impossibilidade absoluta.

- (24) *Ha telefonato nessuno?* (Zanuttini 1991: 109)
Telefonou alguém?
- (25) *Pensi che si presenterà nessuno?* (Rizzi 1982: 126)
Pensas que alguém se apresenta?

(26) Mi chiedo se Gianni abbia contattato *nessuno* (Rizzi 1992: 122)

Pergunto-me se o Gianni terá contactado alguém.

(27) Mi domando se Maria abbia poi detto ciò a *nessuno*.

(Zanuttini 1991: 141)

Pergunto-me se a Maria terá dito isso a alguém.

(28) Gianni mi ha chiesto se pensavo che tu avessi contattato *nessuno*.

(Rizzi, *ib.*: 126)

O Gianni perguntou-me se eu pensava que tinhas contactado alguém

(29) Há lá *nada* igual a isto?

(português europeu, registado em emissão televisiva)

(30) Pode passar pela cabeça de *ninguém* uma coisa dessas?

(português do Brasil, registado em emissão televisiva)

Construções comparativas

(31) Maria canta mejor que **ninguno** de nosotros. (Zanuttini 1991: 143)

(32) Isto é melhor que nada.

Contextos com predicadores superiores que envolvem questões de polaridade e de monotonia decrescente

(33) Es imposible que *nadie* lo sepa (AMB. Q. EXIST / Q. NEG)

É impossível que alguém o saiba.

É impossível que ninguém o saiba. (Q. NEG)

(34) Pedro duda que venga *nadie*. (Q. EXIST)

O Pedro duvida de que venha alguém.

(35) Dubito che *nessuno* venga. (Q. EXIST)

Duvido de que alguém venha.

(36) Dubito che venga *nessuno*. (Q. EXIST)

Duvido de que alguém venha

Outros contextos

- (37) Antonio estaba en contra de ir a *ninguna* parte
- (38) Perdimos la esperanza de encontrar *ninguna* salida.
- (39) En esta reunión, todo aquel que tenga *nada* que decir tendrá ocasión de hablar.
- (40) Preocupas-te para *nada*.
- (41) Tive todo este trabalho para *nada*.
- (42) Foi tudo para *nada*.
- (43) "Os moradores dizem que foram burlados e que compraram "coisa nenhuma" (...)" (*Público*, 13/06/1994, p. 52)

É ainda oportuno referir que, muito possivelmente, se justifica uma associação da concordância negativa a outro fenómeno que envolve a negação e que tem sido designado por negação "redundante", "expletiva" ou "paratáctica" (em Jespersen). Tal fenómeno que, uma vez mais, apenas exemplificarei sem nele me deter, consiste basicamente na inserção de partículas negativas sem efeito semântico. Vejamos:

- (44) Ele não deixou de *não* dizer que se sentia prejudicado. (*coloquial*)
- (45) "() a maré das recuperações *post mortem* começa a cobrir de água benta a escultura de Leopoldo de Almeida e não tardará muito que *não* haja quem lhe chame «escultor maldito» do Estado Novo."
(José Cardoso Pires, *O Jornal*, 13/09/1991, p 369)
- (46) "() tal não impediu que *não* houvesse críticas violentas à actual direcção ()" (*Público*, 13/10/91, p 6)
- (47) Je crains qu'il *ne* vienne (van der Wouden 1994: 109)
- (48) Paris était alors plus aimable qu'il *ne* l'est aujourd'hui. (*ib*)
- (49) Maria è piú intelligente di quanto *non* sia Carlo.
(Napoli e Nespor 1976)

4. Em busca de uma explicação integradora - Dowty (1994)

Naturalmente, perante a simultânea diversidade e unidade das construções referidas nas secções anteriores, impõe-se à pesquisa o objectivo de procurar uma explicação suficientemente geral para cobrir todas as possibilidades. Num plano cognitivo-linguístico, é ainda pertinente colocar a seguinte questão: por que razão se verificam os - ou parte dos - fenómenos em causa? Dowty (1974) apresenta-se, a meu ver, como uma das mais interessantes tentativas de alcançar aquele objectivo, procurando ao mesmo tempo responder à questão enunciada. Partindo do trabalho pioneiro de Ladusaw (1979), segundo o qual os contextos monótonos decrescentes são o factor crucial de legitimação dos itens de polaridade negativa, Dowty formula a seguinte hipótese de maior alcance (onde, no contexto dado, o símbolo $\downarrow M$ deve ler-se "monótonas decrescentes").

"a razão para a existência de itens de polaridade negativa (e concordância negativa) é a marcação directa, com meios morfológicos, das posições sujeitas às inferências $\downarrow M$." (1994: 19, tradução minha)

Perante esta formulação, devo antes de mais salientar que o que mais especialmente me suscita interesse não é o lado psicolinguístico da mesma, mas antes a sua vertente estritamente linguística, na qual se põe a hipótese de os itens de polaridade negativa - que abrangeriam as expressões-*n* em posição pós-verbal que aqui nos interessam - marcarem posições de inferência monótona decrescente.

A hipótese de Dowty assenta na Lógica da Monotonia desenvolvida por Valencia (1991), que não poderei sequer resumir aqui. Direi apenas, muito sinteticamente, que a ideia que Dowty elabora a partir do sistema de Valencia envolve os seguintes componentes fundamentais: (i) as propriedades inferenciais de monotonia estão associadas a todas as classes de expressões significativas, e não apenas aos quantificadores, para os quais foram inicialmente estudadas (para estes, exempli-

fique-se com *todos*, que é monótono decrescente no seu primeiro argumento, correspondente ao nome a que se aplica, pelo facto de, por exemplo, a asserção *todos os franceses gostam de queijo* permitir a dedução de uma outra em que o nome *franceses* é substituído por um seu hipónimo: *todos os parisienses gostam de queijo*); (ii) as propriedades de monotonia das expressões lexicais, nomeadamente dos predicadores, interagem com a monotonia negativa induzida pela negação, dando origem à manutenção ou alteração dos valores de monotonia - ou, aqui equivalentemente, de polaridade - que afectam as estruturas sintac-ticamente dominadas por essas expressões. Por razões bem fundadas do ponto de vista da Lógica, e que aqui não poderei explorar, essa interacção funciona à maneira das familiares combinações algébricas mediante as quais dois valores positivos ou negativos dão um valor positivo e dois valores distintos dão um valor negativo.

5. Avaliação da hipótese de Dowty perante a concordância negativa através de fronteiras frásicas em português

Nas aplicações que fez da sua hipótese, Dowty cingiu-se a frases sem estruturas encaixadas, deixando em aberto a análise da interferência dos valores de monotonia na determinação de interpretações de expressões-*n* quando entre elas e o seu hipotético legitimador negativo se interpõe um predicador de complementação frásica. O que pretendo neste momento avaliar é a adequação da hipótese de Dowty para este tipo de estruturas em português

Uma primeira dificuldade que se coloca - a exigir aturada reflexão noutro lugar - é naturalmente a de se saber como identificar o valor de monotonia de um predicado verbal. Sem me deter na questão, exemplificarei alguns contextos que estão entre si na relação conjuntista adequada para permitir a avaliação das propriedades de monotonia de um predicado que os tome como complemento. Sejam os dois grupos seguintes, onde o símbolo " \supset " (de inclusão própria) indica que a situação identifi-

cada pela expressão predicativa à sua direita é um subtipo da referida pela que se encontra à sua esquerda

(50) mover-se : caminhar > caminhar depressa

(51) ser dia > ser manhã > serem dez horas da manhã

Dada uma asserção contendo um predicado verbal de complementação, este predicado será **monótono crescente** no seu complemento frásico se a verdade da asserção implicar a verdade de outra em cujo complemento frásico é identificada uma situação que inclui a situação identificada no primeiro complemento (em ambos os casos, identificada no domínio da matriz desse complemento, é claro). Se a segunda situação estiver incluída na primeira, em vez de a incluir, o predicado será **monótono decrescente**. Caso nenhuma das hipóteses se verifique, o predicado é **não-monótono**. De posse destes conceitos, verifique-se agora, através de possibilidades inferenciais, a monotonia crescente de um verbo como *querer*, por oposição à monotonia decrescente de *duvidar* ou à ausência de monotonia de *dizer* (em relação ao complemento frásico). Como se tornará óbvio, os asteriscos não estão a marcar agramaticalidade, mas antes ilegitimidade inferencial

(52)a. A Ana quer caminhar.

Logo, a Ana quer mover-se (inferência legítima)

b. A Ana quer mover-se.

*Logo, a Ana quer caminhar (inferência ilegítima)

[predicado MON[↑] no seu complemento frásico]

(53)a. O astronauta duvidou de que fosse manhã em Nova Iorque

*Logo, o astronauta duvidou de que fosse dia em Nova Iorque

(inferência ilegítima)

b. O astronauta duvidou de que fosse dia em Nova Iorque.

Logo, o astronauta duvidou de que fosse manhã em Nova Iorque.

(inferência legítima)

[predicado MON↓ no seu complemento frásico]

(54)a. O astronauta disse que era manhã em Nova Iorque.

*Logo, o astronauta disse que era dia em Nova Iorque

*Logo, o astronauta disse que eram dez da manhã em Nova Iorque.

(inferências ilegítimas)

[predicado NÃO-MON no seu complemento frásico]

Vejamos agora o comportamento semântico de expressões-*n* quando situadas numa frase encaixada em frase matriz negativa. De acordo com a hipótese de Dowty, a predição forte a este respeito será que a leitura existencial seja legitimada apenas com predicados de complementação frásica monótonos crescentes, uma vez que este valor positivo não altera a monotonia decrescente gerada pela negação da matriz. Se, ao invés, o predicado for monótono decrescente, os dois valores negativos anulam-se, resultando um contexto de monotonia positiva que não deverá legitimar a interpretação em causa. Quanto aos predicados não-monótonos, a teoria não faz qualquer predição, sendo por isso de admitir heterogeneidade de comportamentos. Começemos pelo caso mais claro, que é o dos **predicados monótonos decrescentes**. Segue-se uma lista desses predicados e uma frase ilustrando a aplicação de um deles:

(55) duvidar, negar, assustar, surpreender, ser difícil

(56) Não me surpreende que *ninguém* tenha telefonado a Maria.

→↔*alguém*

Parece consensual que a interpretação existencial está neste caso excluída (o que se assinala com a marcação de não-equivalência (→↔) a uma estrutura com *alguém*), estando disponível apenas a leitura de quantificador negativo. Em conso-

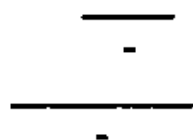
nância com esta verificação, observe-se em (57) a inaceitabilidade de uma frase correspondente com a expressão *-n* em posição pós-verbal, onde a leitura de quantificador negativo não pode, normalmente, ter lugar. Em (58), podemos ver que a leitura existencial se torna acessível quando a frase encaixada é negativa, reintroduzindo-se assim o valor de monotonia decrescente anulado pela coocorrência do predicado da matriz com a negação da mesma.

(57) *Não me surpreende que o Pedro tenha escrito *nenhum* artigo.

(58) Não me surpreende que o Pedro não tenha escrito *nenhum* artigo.

Em (59), esquematiza-se de uma forma muito rudimentar a estrutura relevante com os lugares estruturais onde actuam os valores de monotonia (no caso, decrescente) que importam:

(59) ... NEG [... V [S']]



Passemos agora aos casos de **predicados monótonos crescentes**. Como se deduz do que já foi exposto, a previsão seria para estes casos a de legitimação da leitura existencial, dada a combinação de valores opostos de polaridade - negativo pela negação da matriz e positivo no complemento do verbo. Contudo, facilmente se conclui que os verbos desta classe semântica se cindem em dois grupos com comportamentos distintos - um que legitima a leitura existencial e outro que a bloqueia. Vejamos, por esta ordem, exemplos desses verbos e das suas aplicações nos contextos relevantes:

(60)	aceitar	conseguir	exigir
	deixar	querer	mandar
	gostar	tencionar	pedir
	permitir	decidir	ser preciso
			ser urgente

Repare-se que, para além das propriedades de monotonia, outras propriedades semânticas aproximam estas expressões predicativas. Trata-se, na verdade, de um grupo que reúne expressões com um componente volitivo ou com valores modais que não andam longe dessa área. Por isso mesmo, as combinações com expressões negativas estão sujeitas a fortes restrições no que respeita à construção de sentido. Não é, no entanto, difícil encontrar aplicações que ilustram o comportamento enunciado. A aceitação de leitura existencial será marcada com " \leftrightarrow alguém".

(61) O orador não gosta (de) que *ninguém* ocupe as filas da frente. (AMB)

\leftrightarrow alguém

(62) O orador gosta (de) que *ninguém* ocupe as filas da frente. (Q. NEG.)

(63) O Pedro não pediu que *ninguém* o ajudasse. (AMB)

\leftrightarrow alguém

(64) O Pedro pediu que *ninguém* o ajudasse. (Q. NEG.)

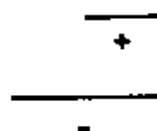
É importante acentuar que ao contrário do verbo *gostar*, o verbo *pedir* não é um verbo de "elevação (ou transporte) da negação", pelo que não se pode estabelecer uma correlação entre essa propriedade e a legitimação da leitura existencial em discussão. Convém ainda observar que a leitura existencial também é legitimada em posição pós-verbal:

(65) Não foi possível escrever *nenhum* artigo. (Q. EXIST.)

(66) Não te pedi que lesse *nenhum* destes artigos. (Q. EXIST.)

Em (67), podemos ver o esquema simplificado da distribuição de polaridades observada, que legitima a concordância negativa transfrásica:

(67) ... NEG [... V [S']]



Ainda a propósito desta subclasse, assinale-se de passagem o efeito de bloqueio que parece ser introduzido pelo modo indicativo, já notado em Longobardi (1987):

(68) Ele não decidiu que *ninguém* fosse interrogado. (AMB)
 ↔ *alguém*

(69) Ele não decidiu que *ninguém* vai ser interrogado. (Q. NEG.?)

Num segundo grupo de predicados de complementação frásica monótonos crescentes incluem-se os que bloqueiam a leitura existencial das expressões-*n*. O grupo é exemplificado em (70), seguindo-se algumas aplicações ilustrativas do possível bloqueio em análise:

(70) saber, compreender, aceitar-2, reconhecer, acreditar, ser verdade

(71) Não sabia que *ninguém* viria depois da meia-noite. (Q. NEG)

(72) ?Não sabia que o Pedro tinha escrito *nenhum* artigo sobre esse assunto.

Uma hipótese de explicação deste comportamento consiste no facto de estes predicados serem ou epistémicos ou aproximados deste valor (como é o caso da última expressão predicativa dada), o que coloca a velha questão de se dever ou não considerar que o domínio denotacional dos seus complementos é fechado por consequência lógica (por outras palavras, e recuperando o que já disse anteriormente sobre monotonia crescente, a questão de se decidir se, por exemplo, quem sabe uma determinada verdade ou nela acredita sabe todas as suas consequências lógicas ou acredita nelas). Penso que o comportamento destes predicados nos contextos que temos estado a considerar constitui mais um argumento a favor da tese que muitos autores têm defendido de que, pelo menos sob determinados pontos de vista - por exemplo em determinadas associações cognitivas ou enquadramentos semânticos -, eles não são monótonos crescentes, ou, dito de outro modo, não requerem o referido fechamento do domínio dos seus complementos. Em conformidade, formulo a seguinte hipótese:

- (73) HIPÓTESE: se a MON^{\uparrow} é uma propriedade dos predicados de (70) - epistémicos, mais o alético (?) *ser verdade* -, ela não é operativa para efeitos de atribuição de polaridade; não o sendo, estes predicados comportam-se como se fossem monótonos decrescentes.

É interessante assinalar o facto de o verbo *acreditar* ter um comportamento peculiar, não só parecendo aceitar mais facilmente - que, por exemplo, *saber* - a leitura existencial em posição pré-verbal, como exibindo também por vezes uma assimetria sujeito/objecto:

- (74) Não acredito que *ninguém* tenha dito isso. (AMB.)
- (75) Não acredito que *ninguém* queira ajudar a Maria. (Q. NEG.: Q. EXIST.?)
↔ *alguém*
- (76) Não acredito que a Maria queira ajudar *ninguém*. (Q. EXIST)
↔ *alguém*
- (77) Não acredito que o Paulo vá fazer *nada* para te ajudar. (Q. EXIST)
↔ *alguma coisa*

Nestes casos é perfeitamente plausível que a legitimação da leitura existencial em posição pós-verbal tenha a ver com o facto de o verbo *acreditar* ser um verbo de transporte da negação. A ser assim, a legitimação seria feita pela posição de origem do operador de negação frásica, na frase encaixada.

Falta referir o grupo dos **predicados não-monótonos**, isto é, que não apresentam qualquer dos valores de monotonia referidos. Seguem-se exemplos e alguns dados:

- (78) anunciar esquecer lamentar demonstrar
dizer
informar
- (79) A Maria não lamenta que *ninguém* tenha telefonado. (Q. NEG; AMB?)
- (80) *A Maria não lamenta ter escrito *nenhum* artigo.

(81) A Maria não disse que *ninguém* tinha telefonado. (Q. NEG; AMB?)

(82) A Maria não disse que tinha escrito *nenhum* artigo. (Q. EXIST.)
 ↔qualquer

Creio que uma análise mais aprofundada desta classe levará à conclusão de que a ausência de valores de monotonia determina alguma variação de comportamentos. De qualquer modo, pelo menos em relação à posição pré-verbal, parece predominar o bloqueio da leitura existencial. Tal bloqueio explicar-se-ia pelo facto de as expressões-*n* em causa carecerem de marcação de polaridade, à semelhança dos predicadores em cujos complementos frásicos se integram, de acordo com a seguinte definição de Valencia (1991):

(83) "If *D* is a syntactic derivation (tree) with root node α , then (...) a node Γ has polarity in *D* iff all the nodes in the path from Γ to α are marked (...)."

Em síntese, parece legítimo afirmar-se que a hipótese de Dowty sobre a função dos valores de polaridade na legitimação das leituras existenciais de expressões-*n* - ou, se quisermos, da concordância negativa - parece confirmar-se em português, em estruturas em que o efeito opera através de fronteiras frásicas. Na ausência dos estudos mais aprofundados que se requerem, o entendimento de momento possível da actuação de valores de polaridade na legitimação da concordância negativa parece ser o que se regista no quadro seguinte:

Propriedades dos predicados	MON↓	MON↑ [- EPISTÉMICO]	?MON↑ [+ EPISTÉMICO]	¬ MON
Concordância Negativa	não legitimação	legitimação (efeito bloqueador do indicativo?)	legitimação restringida	variação (tendência para o bloqueio)

REFERÊNCIAS

- DIAS, Augusto Epiphânio da Silva: 1917, *Syntaxe Historica Portuguesa*, 5ª ed., Livraria Clássica Editora, Lisboa. 1970.
- DOWTY, David: 1994, "Does Negative Polarity / Concord Marking Serve as an Explicit Indicator for Downward-Monotone Inference in Natural Logic?", ms., PIONIER Colloquium, Rijksuniversiteit Groningen, 21-22 de Junho de 1994.
- LABOV, William: 1972, "Negative attraction and negative concord", in W. Labov, *Language in the Inner City, Studies in Black English Vernacular*, Basil Blackwell, Oxford. Inicialmente publicado como "Negative attraction and negative concord in English grammar", *Language* 48, 1972, 773-818.
- LADUSAW, William: 1979, *Polarity Sensitivity as Inherent Scope Relations*, diss. de dout., University of Texas at Austin. Publ. por Garland Press, Nova Iorque.
- LADUSAW, William: 1992, "Expressing Negation", in C. Barker e D. Dowty (orgs.), *Proceedings of the Second Conference on Semantics and Linguistic Theory*, Vol. 40 de *Ohio State Working Papers in Linguistics*, The Ohio State University, Columbus, pp. 237-259.
- LAKA, Itzar: 1990, *Negation in syntax: On the nature of functional categories and projections*, diss. de dout., MIT.
- LONGOBARDI, Giuseppe: 1987, "Parameters of Negation in Romance Dialects", ms., GLOW Dialectology Workshop, Veneza.
- NAPOLI, Donna J. e M. Nestor: 1976, "Negatives in Comparatives", *Language* 52, 811-838.
- RIZZI, Luigi: 1982, *Issues in Italian Syntax*, Foris, Dordrecht.
- VALENCIA, Victor Sanchez: 1991, *Studies on Natural Logic and Categorical Grammar*, diss. de dout., Universidade de Amesterdão.
- van der WOUDE, Ton e Frans Zwarts: 1993, "A Semantic Analysis of Negative Concord", SALT III Proceedings, DMLL Publications, Cornell University, Ithaca, NY.
- ZANUTTINI, Rafaella: 1991, *Syntactic Properties of Sentential Negation. A Comparative Study of Romance Languages*, diss. de dout., University of Pennsylvania.